

EXPECTATIVAS DE ALUNOS E PROFESSORES SOBRE A EDUCAÇÃO. O QUE ELES ESPERAM DA ESCOLA?

ADRIANO GAMA DE OLIVEIRA

ECEP

7. CULTURA, LINGUAGENS E ARTES

A escola reflete no seu dia-a-dia a problemática social. Ela é um campo de disputa e de reconhecimento. Nesse ambiente, professores, alunos e funcionários se relacionam diariamente. Cada elemento dessas categorias traz para a escola saberes, práticas e opiniões que refletem suas realidades sócio-econômicas, configurando, entretanto, uma cultura à qual todos participam e pertencem.

Porém, a cultura, melhor, as culturas não são dados da natureza nem são inocentes ou neutras. Elas revelam as perspectivas e interesses das classes ou de grupos sociais que a produzem ou praticam determinadas ações culturais. Por isso elas podem ser vistas como espaços em que diferentes concepções do mundo se relacionam e procuram legitimar-se, estabelecendo aquilo que Gramsci chamou de hegemonia e contra-hegemonia (Gramsci, 2000).

A minha vivência na escola pública no município do Rio de Janeiro nos últimos 20 anos mostrou-me problemas no relacionamento entre alunos, professores e funcionários, além é claro, uma escola pública degradada, sem estímulo. A prática pedagógica dos professores, às vezes apática e agressiva, desperta apatia e desinteresse dos alunos. Às vezes essa apatia e desinteresse descambam para a rebeldia ou agressividade.

Penso que essa rebeldia e desinteresse são indícios de vontades, de conflitos entre perspectivas e expectativas, em outras palavras, uma manifestação velada ou explícita de valores e compreensões diversas, portanto vale a pena perguntar: que perspectivas, que expectativas são essas?

Apesar de constatarem a falta de interesse e a baixa produtividade de seus métodos e seus conteúdos, os professores continuam a reproduzir um discurso que já não é mais hegemônico, amparados em concepções científicas e culturais que segregam e ignoram as aspirações populares. Que lições podemos tirar disso?

Pelo que foi dito acima, penso que se justifica uma pesquisa que procura compreender o “descompasso” e a “falta de interesse” dos alunos ao mesmo tempo em que procura iluminar os aspectos da cultura popular que eles trazem para a sala de aula. Penso, como

Paulo Freire (FREIRE, 1987), que a valorização do saber popular se dá por diversos meios. Isto significa por um lado aproveitar as culturas populares como matriz do conhecimento, e por outro, permitir que as classes populares se apropriem do saber científico, rigoroso, metódico, vendo neles também um produto seu.

O objetivo da pesquisa será elucidar as perspectivas e expectativas dos alunos como elementos e como segmento das classes populares

Meu referencial teórico passa por uma leitura gramsciana da sociedade, que significa compreendê-la tanto nos seus aspectos materiais quanto nos aspectos políticos, culturais e ideológicos. Partindo dessa base temos que o conhecimento do mundo que nos cerca, tanto físico como social, depende da nossa mediação com ele. A natureza, o universo material é o suporte sobre o qual os homens e os animais vivem, porém, o homem diferentemente dos animais não vive imerso na natureza. O homem, por meio do trabalho rompe com o suporte, torna-se um ser histórico, um ser criador de cultura, entendida aqui como o conjunto da produção humana. Um ser que se sabe sujeito do conhecimento. Ainda mais, o homem é um sujeito que é também objeto de seu próprio saber (FREIRE, 1987 e 1996; GRAMSCI, 2000; MARX, 1998).

A centralidade da educação pública, laica e gratuita está mais do que demonstrada pelas análises que diversos autores fizeram da política educacional brasileira no século XX e no início do século XXI (COUTINHO, 2003; CURY, 2003; FRIGOTO, 2002, 2003; SHIROMA, 2007). Estas análises apontam para uma tensão entre os setores populares e os setores conservadores e, burguês. Ao longo do tempo o campo popular procurou garantir a educação como um dever do Estado e um direito do cidadão, fazendo que fossem reconhecidos os direitos sociais, entre eles a educação pública. Na República os embates entre as forças populares e as conservadoras tiveram como resultantes avanços e recuos.

Embora os setores populares e democráticos tenham marcado algumas posições e conquistado o reconhecimento de direitos, sucessivamente a partir da Constituição de 1934, os pontos de vista conservadores e burguês têm influenciado também a discussão e as política do Estado, sempre no sentido de uma educação dual: uma proposta de escola de formação geral para a elite e outra de formação específica para as classes populares e trabalhadoras. Além disso, sempre que possível, o pensamento liberal procurou estabelecer que a educação fosse mais um campo de exploração da iniciativa privada, reduzindo assim seu caráter público e gratuito.

Estas tentativas recrudesceram a partir dos anos 80 e 90 com a crise do capitalismo e a reordenação econômica, implicando, ao mesmo tempo, concentração da riqueza,

especialização da produção, definição de novo padrão tecnológico e novo padrão de treinamento, de cultura e de educação a par de novas exclusões sociais.

Classificação esta pesquisa como um estudo cultural. Além da análise das práticas pedagógicas de professores, de alunos e de funcionários de uma escola de segundo grau, serão feitas perguntas direcionadas para estes três segmentos da comunidade escolar. Por meio da análise e interpretação do material assim obtido tentarei responder as questões que no início dessa proposta foram colocadas.

Palavras-chave: expectativas, cultura, educação

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

COUTINHO, Carlos Nelson. *A democracia na batalha das idéias e nas lutas políticas do Brasil de hoje*. In **FÁVERO**, Osmar & **SEMERARO**, Giovanni. (org) *Democracia e construção do público no pensamento educacional brasileiro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Política da Educação: um convite ao tema*. In **FÁVERO**, Osmar & **SEMERARO**, Giovanni. (org) *Democracia e construção do público no pensamento educacional brasileiro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a construção democrática no Brasil – Da ditadura civil-militar à ditadura do capital*. In **FÁVERO**, Osmar & **SEMERARO**, Giovanni. (org) *Democracia e construção do público no pensamento educacional brasileiro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a Crise do Capitalismo Real*. São Paulo: Cortez, 2003.

GRAMSCI, Antônio, Cadernos do Cárcere; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MARX, Karl. & **FREIDRICH**, Engels. *A Ideologia Alemã*: [introdução de Jacob Gorender]; tradução de Luís Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SHIROMA, Eneida Oto; **MORAES**, Maria Célia Marcondes de & **EVANGELISTA**, Olinda. *Política Educacional*. Rio de Janeiro: Lamparina. 2007.